



MOVIMENTOS LINGUÍSTICO-DISCURSIVOS NOS ESTUDOS DA LINGUAGEM

José Roberto Alves Barbosa¹
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN

τὰ πάντα ῥεῖ καὶ οὐδὲν μένει
(Tudo se move, nada permanece)

Heráclito

A Revista Saridh traz nesta edição uma abordagem temática a respeito dos estudos sobre linguagem e discurso, esse que tem sido um tema norteador no âmbito das investigações linguísticas na contemporaneidade. Estudar o discurso e a linguagem, no contexto acadêmico, se tornou um paradigma, uma premissa para se fazer ciência, em suas múltiplas perspectivas. Mas esse status dos estudos discursivos é resultante de uma longa trajetória, que remete à publicação do Curso de Linguística Geral, de Ferdinand de Saussure, em 1916.

A esse respeito, faz-se necessário destacar que os estudos linguísticos, sobretudo aqueles que têm a pretensão de serem de algum modo científicos, são mapas sobre a construção de uma realidade, e em um contexto ampliado, modelos que se estabeleceram, e se institucionalizaram em um processo de representações. Por isso mesmo, julgamos mais apropriado discorrer sobre os estudos do discurso, e de algum modo, como esses se constituíram nos diferentes contextos de investigação. Mas essa é uma história longa, fundamentada em embates teóricos, que resultou nesse paradigma acadêmico.

A esse respeito, partimos da pretensão inicial de Saussure, pelo menos naquele que conhecemos no Curso de Linguística Geral, que era estabelecer uma ciência que fosse imanente, capaz de descrever a língua em seu status, influenciado por uma abordagem positivista. Para tanto, essa deveria ser abstraída, por questões metodológicas, da expressividade, a fim de construir um objeto, cujo ponto de vista fosse passível de sistematização, e de ser descrito enquanto estrutura. A língua, nessa perspectiva linguística,

seria esse objeto, cuja potencialidade seria formatada em sua sincronicidade, evitando tergiversar para a cronicidade.

Saussure estava convicto das suas pretensões, e ciente do escopo dessa ciência, rigorosamente atento às especificidades do paradigma proposto. Qualquer crítica aos seus postulados, sem considerar essa particularidade, destoa de uma epistemologia acadêmica. A esse respeito, é preciso considerar essa premissa, não apenas em relação às contribuições do linguista genebrino, essa se aplica a outras tentativas de descrever, ou em alguns casos, explicar a natureza da linguagem humana. Por isso, o mesmo pode ser afirmado a respeito do modelo gerativista de Noam Chomsky, desde a publicação do seu célebre *Linguagem e Mente*, nos idos de 1968.

Chomsky, ao propor um componente biológico criativo para a língua, postulando que esse se tratava de um dispositivo para aquisição da língua, interno aos indivíduos da espécie humana, firmou-se em um racionalismo filosófico. O estudo linguístico, nessa abordagem gerativa, sabe-se indiferente ao escopo social, não porque esse não seja importante, mas porque diverge dos princípios circunscritos desse paradigma. A língua, portanto, é um conjunto de regras, um componente inato, uma faculdade humana, que se expressa em enunciados, e esses carecem de explicação, da identificação das causas que as fundamentam.

Desde a provocação de Chomsky, vários estudos teóricos da linguagem, e principalmente no âmbito discursivo, tentam se justificar a partir da negação do gerativismo. Mas essa não se justifica, justamente porque o discurso, em sua proposta de estudo, se instaura não em um dispositivo linguístico mental, mas na manifestação linguística, nos diversos contextos sociais. Dell Hymes, em sua discussão antropológico-sociolinguística, percebeu que uma análise da competência comunicativa poderia ampliar a dimensão da competência linguística. É digno de destaque que esse, em seu modelo investigativo, não desconsiderou essa, apenas a inseriu nos estudos da sociolinguística.

Esse seria um dos pontos de partida, em direção ao que viria a ser conhecido como estudo do discurso. E esse se desdobrou em nuances outras, influenciado por abordagens filosóficas e linguísticas, atravessadas pelo contexto, como determinante para a análise. Ainda assim, temos o desafio de explicitar o que estamos dizendo, quando estamos estudando o “discurso”, considerando que sua acepção não é imediatamente percebida. As acepções do termo divergem porque é da própria natureza da linguagem a polissemia, mas também porque fazemos opções teórico-metodológicas para pesquisar. Em todo caso, assume-se que o contexto posto em evidência é o que determina o estudo do discurso.

É a ênfase no contexto, percebido na situação imediata, ou mesmo em sua historicidade, que resultou em uma virada nos estudos linguístico-pragmáticos, não em oposição aos formalistas, nem mesmo ao estruturalismo e gerativismo, mas identificação de algo que, ao que tudo indica, é inerente à comunicação. Pois é a linguagem, enquanto ação no mundo, discutida por Wittgenstein, e posteriormente, por John Austin e John Searle, que instaurou esse paradigma, que se desdobra em vertentes distintas. É preciso reconhecer que esse interesse pela linguagem em ação, ou mesmo pela linguagem no contexto, aconteceu em outros circuitos, às vezes, distanciados da correnteza, como é possível identificar nos estudos de Mikhail Bakhtin, em seu Círculo.

As vertentes são as mais diversas, e na maioria das vezes, por interesses nem sempre justificáveis, divergentes em maior ou menor escala. Os estudos do discurso franceses, apenas à guisa de exemplificação costumam ser associados a nomes tais como Althusser, Pêcheux, Foucault, Charaudeau, Maingueneau, entre outros. Há outros movimentos em curso, como as análises de discurso críticas, relacionados aos estudos de Fairclough, Kress, van Leeuwen, Wodak, van Dijk, entre outros. Esse é um percurso que pode ser comparado a correnteza de um rio, que segue se desdobrando, respondendo aos problemas da contemporaneidade, considerando a especificidades do espaço-tempo.

Consoante ao exposto, a Revista Saridh nos oferece, neste número especial, uma coletânea de textos, atravessados por essa identificação entre discurso e linguagem. Uma série de provocações, com o intuito de problematizar os sentidos, e como esses se constituem na sociedade. E, ao mesmo tempo, como essa é dialeticamente instituída pelos discursos. Um movimento contínuo, que segue fluído, se despejando na correnteza caudalosa de um rio, no qual desaguamos teoricamente. E conforme delineou Heráclito, trata-se de uma experiência singular, sempre renovada na irrepetibilidade da existência.

¹ Professor e pesquisador na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN/FALA/DLE), docente do Programa de Pós Graduação em Ciências da Linguagem (PPCL/UERN) e no Mestrado profissional em Letras (PROFLETRAS).
E-mail: jose.barbosa@ufersa.edu.br
Lattes ID: <http://lattes.cnpq.br/6863902903753881>
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4287-0528>